



## ESTADOS UNIDOS

# Trump ordena o envio de caças para o Caribe

Em momento de tensão elevada com Caracas, presidente norte-americano destaca 10 aeronaves de combate como parte de sua ofensiva antidrogas. Republicano adverte que aviões venezuelanos que representem uma ameaça serão abatidos

A crise entre Estados Unidos e Venezuela ganhou, ontem, contornos mais preocupantes após a informação de que o presidente Donald Trump determinou o envio de 10 caças F-35 a Porto Rico como parte de sua ofensiva antidrogas no Caribe. A ordem foi dada num contexto de tensão elevada com Caracas, que, um dia antes mandou sobrevoar um dos navios militares norte-americanos na região, segundo o Pentágono, que classificou o movimento de “altamente provocador”.

Em conversa com jornalistas no Salão Oval da Casa Branca, Trump afirmou que as aeronaves venezuelanas que representem uma ameaça para as forças no Caribe correm o risco de ser abatidas. “Se nos colocarem em uma situação perigosa, serão derrubados”, declarou o magnata republicano. “Se voarem em uma posição perigosa, vocês podem tomar as decisões que considerarem adequadas”, acrescentou o presidente, dirigindo-se ao chefe do Pentágono, Pete Hegseth.

Washington acusa o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, de liderar uma rede de narcotráfico e elevou recentemente para US\$ 50 milhões (R\$ 272 milhões) a recompensa por sua captura. Quando perguntado por jornalistas se deseja uma mudança de regime em Caracas, Trump desviou da questão. “Não queremos drogas que matam o nosso povo”, afirmou.

As forças americanas destacadas

AFP



Jatos F-35, modelo que deve ser enviado ainda este fim de semana para Porto Rico, sobrevoaram Washington na última quarta-feira

diantes das costas venezuelanas lançaram um míssil na terça-feira contra uma embarcação que supostamente transportava drogas. No ataque, sem precedentes na região, morreram 11 “narcoterroristas”, nas palavras de Trump. “Direi a vocês que o tráfico de lanchas nessa zona diminuiu substancialmente”, afirmou o líder norte-americano.

### Reações

Esse ataque foi uma execução “sem fórmula de julgamento”, criticou o ministro do Interior venezuelano, Diosdado Cabello. Antes disso, o ministro da Comunicação, Freddy Nájiz, insinuou no Telegram que as imagens do ataque eram “um vídeo (feito) com inteligência artificial”.

Os principais jornais da Venezuela chamaram a ação dos Estados Unidos de “execução extrajudicial”, e não ataque ao narcotráfico. A imprensa detalhou uma declaração assinada por 21 das 33 nações que integram a Comunidade Latino-Americana e do Caribe (Celac) condenando as ações norte-americanas. O texto ressalta o compromisso

comum baseado em princípios, como a proibição da ameaça ou do uso da força, a solução pacífica de controvérsias, a promoção do diálogo e do multilateralismo, o respeito irrestrito à soberania e à integridade territorial, a não ingerência nos assuntos internos dos Estados e o direito inalienável dos povos à autodeterminação. A declaração também destaca o

Tratado para a Proscrição de Armas Nucleares na América Latina e no Caribe (Tratado de Tlatelolco). A Celac reafirmou o compromisso com o combate ao crime organizado transnacional e ao narcotráfico, classificando como “ameaça significativa”, intensificando a cooperação e a coordenação regional e internacional no âmbito do respeito ao direito internacional e do cumprimento das convenções internacionais.

“É um assassinato em qualquer parte do mundo. A colaboração do governo colombiano na luta antinarcotráfica é profunda (...), mas se subordina ao direito internacional”, declarou no X o presidente colombiano, Gustavo Petro.

### Alianças

Por décadas, os EUA recorreram a operações policiais de rotina em vez de usar força letal para apreender drogas no Caribe. O aumento da tensão coincidiu com uma viagem do secretário de Estado americano, Marco Rubio, ao México e ao Equador, onde firmou novas alianças para fortalecer a luta contra o crime organizado e a migração ilegal e alertou que seu governo não dará um passo atrás.

“(Os governos) nos ajudarão a encontrar essas pessoas e a fazê-las explodir, se necessário”, disse Rubio em uma coletiva de imprensa conjunta com a chanceler equatoriana, Gabriela Sommerfeld, na quinta-feira em Quito.

## Operação fracassada na Coreia do Norte

Silêncio na Casa Branca sobre uma reportagem publicada na edição de ontem do *The New York Times*, segundo a qual membros de elite dos Navy SEALs — a força de operações especiais da Marinha americana — mataram vários civis durante uma operação fracassada em 2019. O objetivo da operação, de acordo com o jornal, era colocar um dispositivo para interceptar as comunicações do líder norte-coreano, Kim Jong Un.

O presidente Donald Trump negou ter conhecimento da missão ultrassecreta, que teria ocorrido, de acordo com o *The New York Times*,

durante as conversas nucleares com Kim, em seu primeiro mandato presidencial. “Não sei nada a respeito. É a primeira vez que ouço falar disso”, assegurou o republicano.

Apesar de meses de treinamento, porém, a operação terminou mal. A equipe selecionada dos SEALs, pertencente à mesma unidade que matou Osama bin Laden em 2011, desembarcou em minissubmarinos e depois nadou até a costa norte-coreana. Porém, uma pequena embarcação estava na área. Os SEALs abriram fogo contra as pessoas. E não cumpriram o objetivo.



Segundo o *The New York Times*, Kim seria alvo de interceptações

## Departamento de Guerra

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, rebateu, ontem, a pasta de Defesa como Departamento da Guerra, uma decisão que, em sua opinião, envia uma “mensagem de vitória” ao planeta. “É um nome muito mais apropriado à luz de como o mundo está agora”, disse o republicano aos jornalistas no Salão Oval da Casa Branca, ao lado do novo “secretário da Guerra”, Pete Hegseth.

“Após vencer uma guerra de independência em 1789, George Washington criou o Departamento da Guerra”, lembrou Hegseth. “E

este país venceu todas as grandes guerras depois disso, incluindo a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial”, acrescentou. A primeira renomeação ocorreu em 1947. “E, como você observou, senhor presidente, não vencemos uma guerra importante, desde então. Com isso, não quero desmerecer nossos combatentes”, disse.

“Agora Departamento da Guerra, cuja sede é o edifício nos arredores de Washington conhecido como Pentágono, conta com mais de três milhões de funcionários militares e civis.

### Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Lula mobiliza os emergentes

Foi entre pressões múltiplas e cruzadas, com origens e destinos variados, que o presidente Lula articulou para segunda-feira uma reunião por videoconferência com os colegas chefes de Estado e governo do Brics. Com o Brasil no comando rotativo do bloco, até o fim do ano, a pauta terá no centro a costura de uma reação coordenada à guerra tarifária declarada por Donald Trump — que não faz segredo quanto ao objetivo de conter a consolidação do bloco e a crescente afirmação da China como potência econômica, política e militar.

A movimentação do Planalto indica que a ênfase principal na convocação se concentrou sobre os líderes dos demais sócios fundadores. O premiê da Índia, Narendra Modi, vem de ensaiar um afastamento dos EUA, agora que o país tem pela frente uma

sobretaxa de 30% e a ameaça de gravames extras por conta das relações comerciais com a Rússia de Vladimir Putin.

Na agenda brasileira, à parte o impasse comercial, ganha corpo a ofensiva militar ordenada pela Casa Branca contra os cartéis sul-americanos do narcotráfico. A concentração de uma força aeronaval próxima à costa da Venezuela produz uma indesejável escalada de tensão na vizinhança imediata.

### Mosqueteiros

A semana que termina teve o regime comunista de Pequim no centro das atenções e das iniciativas do bloco emergente. Xi recebeu Putin e Modi em Tianjin para um encontro de cúpula da Organização para Cooperação de Xangai — um dos braços da expansão

da influência diplomática chinesa. Em especial, sinalizou uma aproximação consistente com a Índia, vizinha e rival ao longo de décadas, com direito a escaramuças de fronteira durante a Guerra Fria.

Em seguida à reunião, já sem a presença de Modi — mas com o reforço do líder norte-coreano, Kim Jong-un —, o anfitrião presidiu na capital um aparatoso desfile militar que marcou 80 anos da rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial. Mísseis, aviões e armamentos de última geração foram exibidos como recado para o mundo — em especial, para Washington.

No saldo final, o trio China-Rússia-Índia selou entendimentos para levar adiante a proposta de Xi de uma “nova governança global”, que pode ter desdobramentos na reunião virtual convocada por Lula para o início da semana que entra.

### Cavaleiro solitário

Enquanto o núcleo duro do Brics investe no multilateralismo e na construção de uma ordem global multipolar, o governo Trump afia os dentes e acentua a opção por uma política externa unilateral e assentada no poderio militar. Uma esquadrilha de caças reforçou o dispositivo naval enviado ao litoral caribenho da Venezuela. E o secretário de Estado, Marco Rubio, aproveitou uma visita ao México e Equador para deixar claro que meta é “explodir o cartéis” — com ou sem a aprovação dos governos locais.

Um alerta do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, sobre os riscos embutidos na escalada de tensões e nas ações unilaterais foi rechaçado de bate-pronto. “Não me importa o que diz a ONU”, disparou Rubio.

### Guerra ou paz?

Aguinada pela via militar no teatro sul-americano expôs uma vez mais a propensão de Trump para ziguezagues e mudanças bruscas, em particular na frente externa. Durante a campanha vitoriosa pela Casa Branca, em 2024, e em seguida à posse, em janeiro, uma das promessas era afastar os EUA de guerras e resolver as que se desenrolam até agora na Ucrânia e na Palestina.

Após o encontro com Putin no Alasca, transpirou em círculos diplomáticos a ideia de que o presidente norte-americano estaria decidido a ser premiado com o Nobel da Paz. Agora, uma ordem executiva — decreto presidencial — mudou para Departamento de Guerra o nome do Pentágono. De início, como designação alternativa, até que o Congresso chamele a mudança. Mas o secretário de Defesa está autorizado — e encorajado — a adotá-la desde já.